

## **ENTRE A ARTE E O CRIME: FALSIFICAÇÃO DE MOEDAS EM SANTA CATARINA, 1930<sup>1</sup>**

Iasmim Eger Sasso<sup>2</sup>, Viviane Trindade Borges<sup>3</sup>

1 Vinculado ao projeto “Histórias marginais e seus narradores: os escritos efêmeros de presos e o patrimônio carcerário (Florianópolis, 1930-1980)”

<sup>2</sup>Acadêmica do Curso de História-Licenciatura - FAED - Bolsista PIBIC/CNPq

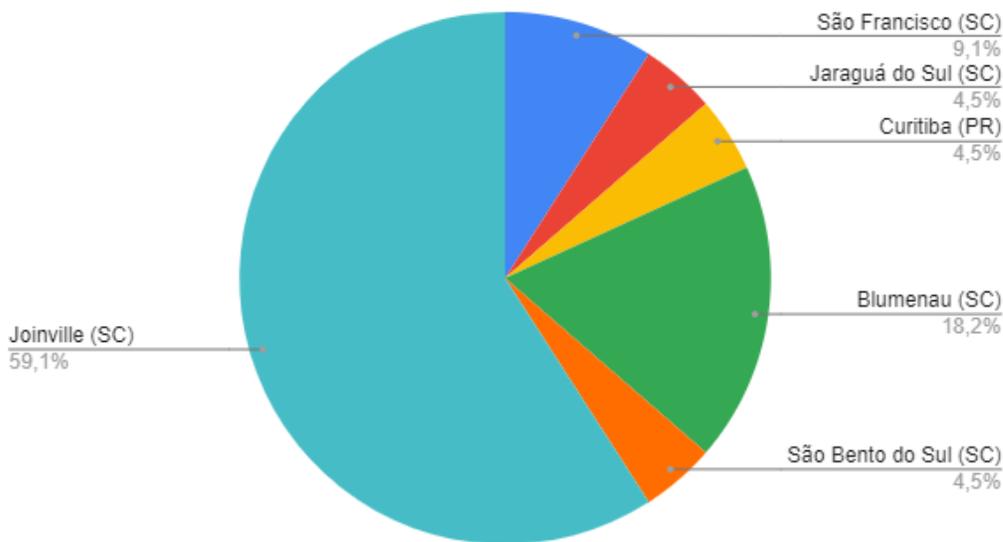
<sup>3</sup>Orientadora, Departamento de História – FAED – [vivianetborges@gmail.com](mailto:vivianetborges@gmail.com)

No presente trabalho objetiva-se a análise de dois documentos históricos distintos, sendo um deles o Jornal A Noite (1911-1957) e dossiês de preso (IDCH/FAED). A partir deles, foi construído um roteiro de podcast para divulgação histórica. O periódico impresso foi fundado por Irineu Marinho, no Rio de Janeiro (RJ). Os números digitalizados estão disponíveis *on-line* na Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Os exemplares foram selecionados por meio de palavras chaves como: “falsários”; “moedas falsas”; “dinheiro falso”; “dinheiro clandestino”, por conseguinte, foi estabelecido o recorte temporal entre abril-agosto de 1936. Os argumentos estão ancorados nas reflexões de Diego Galeano nos trabalhos sobre crime e falsificação, cabe frisar ainda que o tema é pouco explorado pela historiografia. Também é de suma importância o recente livro de introdução à pesquisa em prisões da autora Viviane Borges e Fernando Salla, ademais dissertações voltadas à história da Penitenciária da Pedra Grande, (Florianópolis, 1930). Os meses analisados correspondem ao período de flagrante, prisão e liberdade dos envolvidos no crime. Assim, foi possível traçar uma linha cronológica das atividades ilegais realizadas pelo grupo. Identificados os falsificadores nos jornais, foi mapeado que quatro haviam passado pela instituição prisional em Santa Catarina. Os dossiês dos presos foram digitalizados, analisados e inseridos num modelo padronizado de resumo, organizado da seguinte maneira: a) possibilidades de temáticas a serem abordadas a partir do dossiê, b) contextualização do crime, c) linha do tempo, d) manuscritos/documentos que constem no prontuário, e) bibliografias, d) transcrição da fonte, e) anexos. No diálogo entre as fontes, várias situações descritas nos dossiês foram encontradas também nos jornais, especialmente na descrição do flagrante exposta no dossiê 514 (IDCH/FAED). Doravante o caso 514, foi encontrada sua participação desde 1906 na produção clandestina de moedas. Dos quatro detentos identificados, três eram imigrantes alemães e não falavam língua portuguesa. Geralmente, homens brancos de meia idade, tinham como ofício atribuições com metais e habilidades manuais, mecânicos ou tipógrafos. Segundo o jornal “Não eram principiantes nem imprudentes, como a sua ‘obra’ provava” (A NOITE, 1936). O conteúdo voltado para a quadrilha, era elogioso quanto a perfeição das falsificações, colocando-os muitas vezes como artistas. À produção e escoamento de moedas e notas mascavadas, implicou, num complexo, mas completo, sistema da distribuição do dinheiro. Os jornais afirmavam “caudalosos rios de dinheiro falso” (A NOITE, 1936) e ainda, que as moedas já faziam parte da economia local, sendo o modo que alguns mercadores conseguiam

pagar seus funcionários. A rede de falsários ligava o Planalto Norte ao Vale do Itajaí e Grande Florianópolis (anexo 1). Jaraguá e Blumenau escondiam nos sótãos fábricas de dinheiro falso e enviavam para os entregadores, que vendiam pelo estado. Foi constatado treze envolvidos em Joinville, quatro em Blumenau, dois em São Francisco do Sul, um em Jaraguá do Sul, um em São Bento do Sul, todos em Santa Catarina, e um em Curitiba (PR). Alguns envolvidos na quadrilha, fugiram para os estados do Rio Grande do Sul e São Paulo. Durante as leituras de jornais e dossiês, foram selecionados trechos pertinentes para a construção do roteiro no formato *storytelling* não ficcional para podcast. Recentemente, as produções em áudio têm ganhado destaques em diferentes níveis e temas, para a pesquisa histórica, os podcasts foram entendidos enquanto forma que escapa aos padrões comuns da divulgação científica. A segunda temporada do *Histórias Marginais*, se propõe reflexões que humanizem experiências em instituições de controle. O podcast está vinculado as ações de extensão do Laboratório de História Pública e Patrimônio Cultural (LabHPac), se encontra em fase de gravação e prevê lançamento ainda este ano, para novembro. Os passados difíceis, marginalizados ou esquecidos merecem ser problematizados por se tratarem de temas incômodos do tempo presente. Igualmente, narra à vida destes sujeitos, no caso os falsificadores, de maneira sóbria, concisa e científica, problematizando temas transnacionais como falsificação e imigração. Em síntese, foram identificadas lacunas historiográficas na história do crime no Brasil. A intersecção das fontes permitiu afirmar a conectividade entre Santa Catarina e outros estados, resultou na produção de um roteiro para divulgação científica, contando histórias de sujeitos que (sobre)viviam às margens da sociedade.

**Figura 1:**

Falsificadores por cidade



Fonte: Elaborado por Iasmim Eger Sasso, 2024

**Palavras chaves:** Falsificação. Dossiês de preso. Podcast.